

● Leitor crítico - 8º e 9º anos
do Ensino Fundamental

VEREDAS

YAGUARÊ YAMÃ

Histórias de muitos mundos:
narrativas e crenças indígenas

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoera, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência

humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série

de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor. Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos

que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto,

bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.

- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ◆ do mesmo autor;
- ◆ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ◆ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

YAGUARÊ YAMÃ

Histórias de muitos mundos:
narrativas e crenças indígenas

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Yaguarê Yamã nasceu no Amazonas, em Novo Horizonte Yãbetue'y, localidade do povo maraguá. Viveu na aldeia e depois nas cidades de Parintins e Manaus, até mudar-se para São Paulo, onde cursou a faculdade de Geografia pela Unisa – Universidade de Santo Amaro. Além de professor, é palestrante e autor com mais de 40 livros publicados. Já recebeu prêmios nacionais e internacionais, como o selo Altamente Recomendável (FNLIJ), o The White Ravens, da Biblioteca de Munique (Alemanha), entre outros.

RESENHA

Yaguarê Yamã nos leva a uma jornada através da complexidade dos muitos mundos amazônicos nos embrenhando, a princípio, em uma viagem pelas águas do rio Abacaxis, que acredita ser o mais bonito dos rios amazônicos, também conhecido por Guari-namã, ou “rio nosso parente”. É um dos afluentes do rio Tapajós, pertencente a uma sub-bacia do rio Madeira, um dos afluentes do rio Amazonas, também conhecido como Rio-Mar. É por meio de suas

memórias que Yamã nos apresenta à geografia, aos seres e às plantas que pertencem ao território de seu povo, o povo maraguá, ou “o povo das histórias de assombração”. Como nos damos conta no decorrer da obra, do ponto de vista dos povos amazônicos, é impossível falar em seres da natureza sem falar de seres sobrenaturais, como a *Boiaçu*, a cobra grande. Um território é algo muito complexo, algo que possui sempre muitas camadas que convivem entre si e se interpenetram. A dimensão mítica das histórias é também esse lugar em que se narram encontros que se dão entre seres de natureza diferente. Um encontro é sempre algo perigoso, por isso o sentimento de assombro se faz tão presente. Falar de vida é também falar de morte, falar de nascimento é também falar de doença, e falar dessas coisas todas é fazer perguntas que não são simples de responder. Para os maraguás, nascer e receber um nome já é interagir com outros mundos: cada criança possui um padrinho que é um espírito responsável por outras espécies de seres – os pássaros, os peixes, os felinos, as árvores, os répteis, os cachorros. É em homenagem a esses padrinhos que cada afilhado receberá o seu nome.

Entre outras coisas, o autor nos fala bastante dos *malylis*, nome que seu povo dá aos pajés, curandeiros

que têm o poder de viajar por diferentes mundos e de estabelecer diálogos ativos com o mundo sobrenatural, depois de um aprendizado intenso que começa na infância e segue se desenrolando na vida adulta. Um dos mundos nos quais os *malylis* maraguás mergulham é o mundo dos *companheiros de fundo*, ou botos – a classe mais poderosa dos pajés, os *çaçakas*, costuma viajar pelo mundo submerso. O povo maraguá, porém, é apenas um dos povos que povoam um território complexo, habitado por diversas nações diferentes, cada qual com a própria espiritualidade e a própria língua.

Na segunda parte da obra, descobrimos quem era, afinal, *Makunaíma*, e nos debruçaremos um pouco sobre os mistérios do Monte Roraima, terra sagrada para os povos Macuxi, Ingarikó e Taurepang; somos apresentados à complexa hierarquia da mitologia Ashaninka, do Acre; descobrimos que para os povos da etnia *maku* o universo tem a forma de um ovo em pé dividido em três andares; somos apresentados a Rairú, herói e semideus do povo munduruku, que subiu algumas pessoas para o mundo de cima com a ajuda de uma corda; descobrimos ainda como uma pedra rachada deu origem ao povo Haliti, e assim por diante. Para o povo maraguá, assombração também é coisa de crianças e jovens, já que também aprendemos com os sustos que a vida nos dá.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Não-ficção, narrativa mítica

Palavras-chave: Povos indígenas, espiritualidade, rios, animais, plantas, pajelança, rituais de nomeação, doença, morte, travessias, diversidade de mundos

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História, Geografia

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento, 3. Repertório cultural

Tema transversal contemporâneo: Diversidade cultural

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS-11. Cidades e comunidades sustentáveis, ODS-14. Vida na água, ODS-15. Vida terrestre

Público-alvo: Leitor crítico (8^o e 9^o anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Será que algum deles sabe que a flor que aparece na imagem é uma heliocônia, também conhecida como caeté

ou bananeira-do-mato? Estimule-os a procurar na internet imagens da planta, bastante presente na América do Sul e na América Central.

2. Chame a atenção dos alunos para o subtítulo da obra: o que entendem por “crenças”? E por “indígenas”? Proponha aos alunos que procurem as palavras em diferentes dicionários e, em seguida, faça um levantamento das ideias que possuem a respeito dos povos originários e de seu modo de vida.

3. Leia com a turma o texto da quarta capa, em que o autor comenta que mesmo nos apresentando a uma grande diversidade de seres, são mencionados no livro “menos de dez por cento das entidades que habitam o imaginário dessas nações nativas”. Veja se os alunos notam como esse pequeno texto ressalta a complexidade do universo mítico das diferentes nações indígenas.

4. Chame a atenção para o jogo entre texto e imagem presente na dedicatória do livro, na página 5, em que o ilustrador cria um paralelo entre o contorno de uma folha e a silhueta de uma mulher. Veja se os alunos notam como o eixo da folha divide o corpo dela em duas metades, uma mais sombreada do que a outra.

5. Em seguida, leia com a turma o texto introdutório, que apresenta brevemente os temas e a estrutura do livro e nos permite pensar a respeito do seu título. Comente como talvez “uma das coisas mais fundamentais que a espiritualidade indígena tem a nos ensinar é o quão limitado é pensar que existe apenas um único mundo” e como o trânsito entre mundos pode ser algo complexo.

6. Logo de início, o texto de apresentação faz referência a uma entrevista concedida por Yaguarê Yamã ao Museu da Pessoa. Assista à entrevista na íntegra com a turma, em que o autor comenta como seu pai era um grande contador de histórias, disponível em: <https://mod.lk/qhVmy>.

7. Sugira aos alunos que leiam as seções *Sobre o autor* e *Sobre o ilustrador*, nas páginas 86 e 87, para que conheçam um pouco mais sobre a trajetória dos criadores deste livro. Sugira que visitem o site de Maurício Negro: <https://bio.site/mauricionegro>.

Durante a leitura

1. Comente com os alunos que, no decorrer da obra, nos deparamos com muitas palavras em línguas indígenas, escritas em itálico. Sugira que tomem nota dessas palavras e criem um pequeno glossário que os ajude a navegar pelos seus significados.

2. Em muitos momentos, a obra faz referência a rios e a locais específicos desse território continental e

múltiplo que nos acostumamos a chamar de Brasil. Estimule os alunos a utilizar mapas virtuais para conhecer um pouco mais a respeito dos locais mencionados no texto.

3. Não é à toa que esta obra se chama *Histórias de muitos mundos*, pois em diversos momentos do texto descobriremos como não só a Amazônia é povoada por nações de língua e cultura muito diversas, como a própria mitologia desses povos faz referência a mundos que se sobrepõem. Peça aos alunos que tentem perceber os momentos em que o texto menciona essa multiplicidade de mundos.

4. Chame atenção para a nota número 3, na página 48, que esclarece por que o Brasil pode ser considerado um território de muitas nações.

5. Peça aos alunos que observem com atenção a ilustração da página 4. Depois, revele que nela encontramos escritos alguns dos nomes dos mais de 300 povos indígenas que povoam o país.

Depois da leitura

1. Na página 49, Yaguarê Yamã nos apresenta ao universo do povo Macuxi, de Roraima. Mostre aos alunos a obra do artista macuxi Jaider Esbell, que traduz esse universo em imagens, disponível em: <https://mod.lk/ZNkZQ>. Em seguida, escute com eles essa fala do artista, falecido precocemente em 2021, disponível em: <https://mod.lk/XanjD>.

2. Macunaíma, talvez a obra mais conhecida de Mário de Andrade, foi inspirada em Makunaimã, divindade sagrada para os povos Taurepang, Macuxi e Wapichana. Leia com os alunos *Makunaimã: o mito através do tempo*, peça de teatro lançada quando o livro do escritor paulista completava 90 anos. A obra, que foi publicada pela editora Elefante, conta com ilustrações de Jaider Esbell.

3. Assista com os alunos à coreografia do Boi-Bumbá Caprichoso, executada por um artista maraguá, mesmo povo de Yaguarê Yamã, que mostra como tradições indígenas são muitas vezes retomadas e recriadas pela tradição popular, disponível em: <https://mod.lk/e20Cf>.

4. Para que os alunos tenham uma dimensão da riqueza e da complexidade do pensamento indígena e do modo como ele dialoga com o conhecimento científico e a sabedoria de diversos outros povos que habitam a Terra, assista com a turma ao primeiro episódio do ciclo Flecha, *A serpente e a canoa*, concebido e narrado por Ailton Krenak e dirigido por Anna Dantes, disponível em: <https://mod.lk/evi2k>.

Estimule os alunos a assistirem às demais Flechas da mesma série. No *site* do projeto Selvagem (<https://selvagemciclo.com.br/>) é possível ter acesso a um conteúdo riquíssimo que aproxima a sabedoria ancestral e o pensamento científico.

5. Escute com os alunos duas canções criadas por jovens e talentosos músicos indígenas: Território Ancestral, de Kaê Guajajara (disponível em: <https://mod.lk/u2E0S>) e o vibrante videoclipe do rapper guarani Kunumi MC, em que tradição e contemporaneidade se cruzam (disponível em: <https://mod.lk/zi479>).

6. Embora sejam fruto de um processo de muita luta, os direitos dos povos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988 são constantemente ameaçados. Para compreender melhor quais são os direitos garantidos aos povos indígenas, leia com os alunos o seguinte texto, disponível na página do Instituto Socioambiental: <https://mod.lk/g3hyn>. Em seguida, assista com eles ao belo e memorável discurso proferido pelo então jovem Ailton Krenak, porta-voz do movimento indígena, no Congresso Nacional em 1987 – certamente um dos momentos mais significativos da história do congresso brasileiro, disponível em: <https://mod.lk/discailt>.

7. A língua de um povo é um dos seus maiores patrimônios. Cada língua guarda uma maneira única de pensar e conceber o mundo. Para que os alunos compreendam um pouco mais a respeito da grande variedade de línguas que existe, e visualizem melhor os dois troncos linguísticos das línguas faladas por aqui, o Tupi e o Macro-Jê, visite com eles a página do Instituto Socioambiental, disponível em: <https://mod.lk/isa2>. Também sugerimos o vídeo de apresentação do projeto Cantos da Terra, em que o pensador indígena Ailton Krenak fala a respeito da importância dessas línguas, disponível em: <https://mod.lk/zG6IG>.

8. Descobrir mais a respeito do tupi antigo, língua que é considerada extinta, e do *nheengatu*, ou tupi moderno, língua falada por diversos povos da Amazônia, é uma experiência fascinante. Sugerimos alguns vídeos para que você e sua turma se aproximem do tema: a) uma entrevista com pesquisadores de *nheengatu* na USP (Universidade de São Paulo), explicando um pouco a respeito das transformações do tupi através dos tempos, disponível em: <https://mod.lk/Mhvz8>; b) um vídeo documental em que habitantes da região do rio Tapajós contam como resgatar a língua *nheengatu* foi parte fundamental de seu processo de reconhecimento como indígenas, disponível em: <https://mod.lk/j7B11>.

Todos os *links* foram acessados em: mar. 2025.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

- *Nossos mitos*. Rio de Janeiro: Pallas.
- *Um curumim, uma canoa*. São Paulo: Zit.
- *Contos da floresta*. São Paulo: Peirópolis.
- *Morõgetá Witã: Oito Contos Mágicos*. Curitiba: Positivo.
- *Os olhos do jaguar*. São Paulo: Jujuba.

► sobre o mesmo assunto

- *Apytama: floresta de histórias*, org. Kaká Werá. São Paulo: Moderna.

- *Os indígenas, a Mãe Terra e o Bem viver*, de Ademario Riberio Payayá. São Paulo: Moderna.
- *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras.
- *A terra dos mil povos: História indígena do Brasil contada por um índio*, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.
- *Tembetá: conversas com pensadores indígenas*, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue editorial.
- *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Márcia Wayna Kambeba. São Paulo: Polén Livros.
- *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico. Belo Horizonte: Caos e Letras.